

APRESENTAÇÃO

Este volume da *Itinerários: Revista de Literatura*, dedicado às Literaturas de Língua Espanhola, compõe, com outros números já publicados (Relações França/Brasil, Literaturas de Língua Inglesa, Literaturas de Língua Alemã) e mais um volume que ainda virá a público no segundo semestre de 2016 (Literaturas de Língua Italiana), uma série de volumes dedicados às literaturas estrangeiras estudadas no âmbito das pesquisas realizadas no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Com isso, pretende-se, contando sempre com a contribuição espontânea de pesquisadores de diversas regiões brasileiras e do exterior, oferecer aos leitores um pequeno, mas significativo panorama das diversas tendências dos estudos sobre literaturas estrangeiras na atualidade, permitindo-lhes ter um uma noção das principais abordagens, problemas e redes de conhecimento que a literaturas de expressão espanhola mobilizam em função de sua amplitude espacial, da diversidade de questões civilizatórias e culturais que entram em cena, da evolução política e econômica dos países de língua espanhola, revelando um esforço de compreensão, de descoberta, de autonomia e de percursos originais que caracterizam esse espaço literário.

O primeiro artigo, intitulado “Nação, fronteira e tradição: problematizações teóricas no contexto dos estudos literários”, de autoria de Andrea Cristiane Kahmann e Anselmo Peres Alós, procura analisar criticamente três conceitos – nação, fronteira e tradição – a partir das discussões contemporâneas promovidas pela literatura comparada, pela teoria literária e pelos estudos culturais. Segundo os autores, a discussão desses conceitos permite reconhecer uma matriz literária essencialmente latino-americana que se apresenta como híbrida, *criolla*, *mestiza* e intercultural. O segundo artigo, assinado por Daniel Vecchio, retoma o início da colonização americana ao estudar o relato *Naufrágios* (1542) de Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, um dos primeiros europeus a cruzar os atuais estados americanos do Texas, Novo México e Arizona. Segundo o autor, a análise do relato de Cabeza de Vaca revela aspectos do choque cultural entre europeus e nativos americanos, e as consequentes transformações identitárias de ambos, o que demonstra a riqueza histórica e literária dos textos do início da colonização americana.

O criolismo universal de Borges é discutido no artigo seguinte, “El *criollismo* universal em Jorge Luis Borges: apuntes sobre lengua y literatura”, de Santo Gabriel Vaccaro. Retomando os ensaios de juventude de Borges, o autor mostra como neles o escritor portenho alia elementos autóctones e estranhos, o próximo e o distante, fundindo temáticas de natureza regional com complexas reflexões de cunho universal. A presença de Borges na contemporaneidade é o tema do artigo

seguinte, de autoria de Luciene Azevedo, e intitulado “Tradição e apropriação: *El Hacedor* (de Borges), *remake* de Fernández Mallo”. Partindo de discussões sobre autoria e originalidade, a autora analisa o “*remake*” realizado pelo escritor espanhol Fernández Mallo da obra *El Hacedor* de Borges. Publicado em 2011, *El Hacedor* (*remake*) constitui uma apropriação criativa do livro de Borges que estabelece uma negociação permanente entre a voz de Borges e a voz do autor espanhol. Assim, o artigo ilustra de modo bastante modelar como se dá a apropriação criativa do passado na contemporaneidade. O artigo subsequente, “Romance argentino e romance latino-americano: o caso Cortázar”, de autoria de Pedro Dolabela Chagas e Daniela Silva Pires, busca compreender o impacto da publicação de *O jogo da amarelinha* (1963) no contexto literário latino-americano. Segundo os autores, as opções estéticas de Cortázar neste romance iluminam a história do gênero na América Latina, pois o romance de Cortázar está conectado, ao mesmo tempo, à história do romance argentino e à literatura “global” de seu tempo. Em seguida, o romance do escritor argentino Adolfo Bioy Casares é objeto de análise de Karla Fernandes Cipreste no artigo “Adolfo Bioy Casares e a amizade”. As personagens do romance de Casares, segundo a autora, representam “[...] uma proposta ética e estética de resistência a estratégias de normalização de condutas calculadas para impedir vínculos comunitários [...]” e têm sua centralidade enquanto representações ficcionais da natureza humana na celebração da amizade.

Os dois artigos seguintes tratam do romance em outros espaços latino-americanos. Em “Desterrar o deserto: miragens em meio à terra arrasada”, Mariana Ruggieri, analisa a imagem do deserto em dois romances do escritor chileno Roberto Bolaño. Matéria constitutiva dos romances analisados, a representação do deserto em Bolaño tanto retoma a imagem da *terre gaste*, de Chrétien de Troyes e da *waste land* de T.S. Eliot; como também o deserto que se inscreve nos motivos do exílio e da errância, associado ao nomadismo da busca pelo outro, cumprindo, neste caso, a função de promessa. A seguir, o romance *La importancia de llamarse Daniel Santos* (1988), do escritor porto-riquenho Luis Rafael Sánchez, é objeto de estudo de Wanderlan da Silva Alves no artigo “Canção popular e cultura de massa em *La importancia de llamarse Daniel Santos*, de Luis Rafael Sánchez”. A tese do autor do artigo é a de que Sánchez “[...] faz uma leitura crítica do contexto mais amplo dos produtos culturais massivos na América Latina dos anos 1980, ao mesmo tempo em que reivindica sua potência crítica e expressiva para a narrativa literária.”

Os dois artigos seguintes tratam de narrativas de dois autores espanhóis. Em “Una posible clave de interpretación para la narrativa breve de Pío Baroja: la percepción barojiana del entorno literario”, Francesca Crippa analisa as narrativas breves de Pío Baroja, autor em geral associado à geração de 1898. Segundo a autora, Baroja pretendeu, por meio dessas narrativas, apreender a complexidade estrutural da sociedade espanhola de seu tempo, tentando entender as mudanças

radicais que a afetaram nas primeiras décadas do século XX. Já o artigo “Os modos de leitura e construção do espaço no romance *Niebla*, de Miguel de Unamuno”, de autoria de Alexandre Silveira Campos, serve-se de conceitos da topoanálise para demonstrar que em *Niebla*, a paisagem é sempre um produto do olhar do narrador, que estabelece um processo constante de naturalização da urbe e de urbanização da natureza.

Os dois artigos que seguem foram agrupados em função de ter em comum questões ligadas à autoria feminina. Katia Aparecida da Silva Oliveira em “Mulher e literatura em um ensaio de Montserrat Roig” discute as ideias da escritora catalã no que diz respeito à mulher como representação literária e ao espaço ocupado pelas mulheres escritoras na literatura. Por sua vez, dois romances da escritora nicaraguense Gioconda Belli são analisados por Ana Cristina dos Santos em “Revisões do passado, reconstruções do presente: discurso feminino e história nas obras de Gioconda Belli”. Segundo a autora, Belli reordena o passado e relê os eventos históricos a partir da participação de mulheres que foram excluídas pela historiografia oficial na narração do passado.

O dossiê sobre literaturas de expressão espanhola fecha-se com três artigos dedicados respectivamente à poesia, ao teatro e à crítica literária, esta última na Argentina e no Brasil. Em “O vazio como metáfora na obra de Roberto Juarroz”, Marco Catalão investiga a relação da obra do poeta argentino com o Budismo Zen a fim de compreender o processo metafórico e o vazio nela existentes. Segundo o autor, Juarroz atribui à poesia uma função etopoética, em que a dimensão metafísica é alcançada por meio da metáfora. No artigo seguinte, “Cinco fragmentos sobre o teatro de pós-ditadura de Eduardo ‘Tato’ Pavlovsky. Da crítica ao realismo a um realismo crítico”, Nicholas D. B. Rauschenberg analisa cinco peças do dramaturgo argentino para demonstrar que nelas se conformam um “absurdo histórico” e um “absurdo realista” que permitem pensar a obra de Pavlovsky como uma crítica à sociedade e seu brutal autoritarismo escondido nas normas sociais e estéticas. Encerrando esta seção, o artigo “Joaquim Norberto de Sousa Silva e Juan María Gutiérrez: crítica literária e política no início do século XIX no Brasil e na Argentina”, de autoria de Marcelo Freddi Lotufo, através do estudo comparado entre as literaturas românticas brasileira e argentina, busca compreender, as diferenças entre os dois críticos e a independência de suas críticas, mostrando os limites que as condições políticas locais impunham para os usos que estes faziam das matrizes liberais europeias.

Por fim, a seção Varia reúne três artigos. No primeiro deles, Fani Miranda Tabak, no artigo “O indianismo político de Nísia Floresta: um caso singular”, analisa o poema *A lágrima de um Caeté*, publicado em 1849, a fim de particularizar a abordagem do tema indígena pela autora, pois este representa, no caso, não só uma tensão, uma rachadura na construção do mito de fundação, mas um olhar crítico sobre o ideal de construção nacional de seu tempo. No artigo seguinte,

intitulado “Machado de Assis: correspondência e crítica”, Carlos Rocha serve-se da correspondência de Machado de Assis para analisar alguns de seus julgamentos sobre poetas contemporâneos, com isso, conclui o autor que “[...] as análises de Machado de Assis sobre a poesia dos poetas de seu tempo, presentes nas correspondências, pode nos conduzir a uma chave de leitura de sua própria obra poética, mesmo porque muito daquilo que é sugerido àqueles poetas se materializa em seus poemas”. O último artigo desta seção analisa um texto póstumo do escritor francês Louis-René des Forêts. Nele, Leila de Aguiar Costa, em “Escrever para esperar a morte: o último Louis-René des Forêts”, trata de questões afeitas à escritura, à morte e à subjetividade, mostrando que escritura e palavra oferecem ao corpo moribundo daquele que escreve salvação que, no fim das contas, passa pelo poético.

O volume completa-se com a resenha assinada por Gloria Carneiro do Amaral sobre o livro *A literatura fantástica: caminhos teóricos* de Ana Luiza Silva Camarani, publicado em 2013 pela Cultura Acadêmica. Lembra a resenhista que o livro de Camarani vem bem a calhar para os estudos sobre essa modalidade, gênero ou subgênero literário ao discutir a nomenclatura variada dos críticos e, como modelo de pesquisa, mostra que a leitura atenta dos textos é sempre um método de trabalho eficaz.

Wilton José Marques
Adalberto Luis Vicente

